

Carurivis, camarivis e carnavivis: as construções morfológicas X-ivis entre falantes de Salvador- BA e as evidências de um léxico líquido e complexo



Natival Almeida Simões Neto
Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil /
nativalneto@gmail.com

Trabajo recibido el 1º de septiembre de 2017 y aprobado el 20 de diciembre de 2017.

Resumo

Este trabalho interpreta o funcionamento do esquema *X-ivis*, que instancia *carurivis*, *camarivis* e *carnavivis*. Essas construções foram vistas em textos de falantes de Salvador (Bahia) e têm o intuito de evitar rimas pornográficas a partir de oxítonas terminadas em [u], [ãw] e em [aw]. A análise desse fenômeno demanda revisões em conceitos bastante fixados na literatura morfológica e lexicológica, além de exigir uma abordagem do léxico que leve em conta a liquidez da modernidade e a complexidade dos sistemas. Em se tratando de aporte teórico, os pressupostos da Linguística Cognitiva foram os principais norteadores dessa discussão, sobretudo a Teoria dos Protótipos, a Gramática de Construções, o Sociocognitismo e a Morfologia Construcional.

Palavras-chave

morfologia construcional
linguística cognitiva
neologismos
modernidade
complexidade

Carurivis, camarivis y carnavivis: las construcciones morfológicas X-ivis entre hablantes de Salvador-BA y las evidencias de un léxico líquido y complejo

Resumen

Este trabajo interpreta el funcionamiento del esquema *X-ivis*, que implica *carurivis*, *camarivis* y *carnavivis*. Esas construcciones se observaron en textos de hablantes de Salvador (Bahía) y tienen el objetivo de evitar rimas pornográficas a partir de oxítonas terminadas en [u], [ãw] y en [aw]. El análisis de ese fenómeno demanda revisiones de conceptos bastante sedimentados en la literatura morfológica y lexicológica, además de exigir un abordaje del léxico que tenga en cuenta la liquidez de la modernidad y la complejidad de los sistemas. Con respecto al aporte teórico, los presupuestos de la lingüística cognitiva fueron los orientadores principales de esta discusión, fundamentalmente la teoría de prototipos, la gramática de construcciones, el sociocognitismo y la morfología construccional.

Palabras clave

morfología construccional
lingüística cognitiva
neologismos
modernidad
complejidad

Carurivis, camarivis and carnavivis: X-ivis morphological constructions among speakers of Salvador-BA and the evidence of a liquid and complex lexicon

Abstract

This work interprets the functioning of the X-ivis scheme, which involves *carurivis*, *camarivis* and *carnavivis*. These constructions were observed in texts by speakers from Salvador (Bahia) and are used in order to avoid pornographic rhymes based on the oxytones ending in [u], [ãw] and [aw]. The analysis of this phenomenon demands the review of concepts well settled in the morphological and lexicological literature, besides requiring a lexical approach that take into account the liquidity of modernity and the complexity of the systems. With regard to the theoretical contribution, the premises of cognitive linguistics were the main guiding principles of this discussion, especially the prototype theory, construction grammar, socio-cognitivism and construction morphology.

Key-words

construction morphology
cognitive linguistics
neologisms
modernity
complexity

1. Palavras iniciais: em busca de um léxico líquido e complexo

Em uma perspectiva estruturalista e tradicional, os estudiosos do léxico o consideram como um acervo de palavras compartilhado por uma comunidade linguística. Quando esses pesquisadores falam em mudança nessa perspectiva, consideram, sobretudo, a rotatividade de *arcaísmos* e *neologismos*. Já para os estudiosos que investem em uma abordagem cognitiva, seja gerativista, seja cognitivista, o léxico é tratado como um conhecimento depositado no cérebro dos falantes, incluindo palavras primitivas (*inputs*), afixos, regras ou esquemas —*regras de formação*, para os gerativistas; *esquemas construcionais*, para os cognitivistas— capazes de gerar/instanciar/interpretar (novas) formas complexas (*outputs*) e formas lexicalizadas. Em relação à mudança, os estudiosos da cognição tratam neologismos e arcaísmos por meio de processos como *formação esporádica*, *institucionalização*, *lexicalização*, *fossilização* e *dicionarização*. Cabe destacar que esses processos estão ligados ao uso e aos aspectos de socialização e demandam discussões sobre aceitabilidade e avaliação da comunidade linguística, uso e desuso de construções e registro em instrumentos de normatização.

Neste trabalho, analisa-se um fenômeno linguístico característico da cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, e regiões adjacentes: o uso do formativo *-ivis* em contextos finais de palavras suscetíveis a rimas do domínio do sexo. Sem muitos rodeios explicativos, o fenômeno aparece quando um falante, geralmente soteropolitano, usa *umbivis* no lugar de *umbu*, pois o fato de *umbu* remeter fonologicamente à palavra *cu* permite que o seu interlocutor possa fazer rimas como *meu pau*¹ *no seu cu*, colocando-o em uma posição de sujeição, ainda que apenas em um ato enunciativo. A fim de explicar essas construções, dentro de um dado aporte teórico-metodológico, foram coletadas 38 realizações de X-ivis. Foram notificadas também visões de falantes sobre o fenômeno, no *Twitter*, em páginas pessoais e comunidades do *Facebook*, além de *blogs*. Esses registros serão apresentados e explicados ao longo deste artigo.

1. *Pau* é uma lexia usada para se referir ao pênis, em português.

A análise dessas construções demanda uma visão líquida e complexa do léxico. No que toca à liquidez, sabe-se que, na conjuntura atual, com a

influência da globalização e da modernidade, e com a quantidade maior de recursos tecnológicos, não se pode mais fazer trabalhos que abordem a mudança lexical, pautando-se apenas no critério dos dicionários, pois esses instrumentos podem, não só, não reconhecer certas construções que existem há muito tempo dentro de uma comunidade, como também, podem não conseguir captar certos usos que se diluem com uma rapidez formidável, o que demanda repensar como abordar os movimentos dos neologismos e dos arcaísmos na modernidade. Nesse sentido, investe-se aqui em um *léxico líquido*, a partir dos termos de Bauman (2007):

Em primeiro lugar, a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. É pouco provável que essas formas, que já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir de arcabouços de referências para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um “projeto de vida” individual (Bauman 2007, 7).

Com base nessa citação, vê-se que Bauman (2007) reflete acerca das organizações sociais na modernidade e como essas se decompõem e se reorganizam com tanta fluidez que é pouco provável que sirvam de referência para estratégias futuras, em função da sua expectativa curta. Dessa mesma maneira, o léxico parece se comportar na contemporaneidade. De um lado, hoje em dia, há uma facilitação tecnológica para a captação dos registros de usos linguísticos. Do outro, é preciso encarar a rapidez com que certas expressões podem deixar de ser usuais. Por isso, os estudos sobre alguns fenômenos lexicais podem rapidamente ser considerados ‘atrasados’, mesmo que, do ponto de vista da datação, sejam bastante recentes.

Somada à visão líquida, é preciso assumir também uma visão complexa do léxico que não invista em um estudo imanente, em função de um rigor teórico-metodológico, fazendo com que a disciplina Lexicologia seja isolada de outras como a Fonologia, a Morfologia, a Semântica, a Sintaxe e a Pragmática. A partir da leitura de Morin (2003), observa-se que

[h]á inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários. Em tal situação, tornam-se invisíveis: – os conjuntos complexos; – as interações e retroações entre partes e todo; – as entidades multidimensionais; – os problemas essenciais (Morin 2003, 13).

Transpondo o que foi exposto por Morin (2003) para o estudo das construções *X-ivis*, ratifica-se a necessidade de que o sistema linguístico seja abordado de maneira complexa e integrada, indo além de análises simplistas e de interfaces básicas. Assim, não cabem separações entre o léxico e a morfologia, tratando a lexicologia como o estudo da organização das palavras já existentes e a morfologia como o estudo da criação de palavras, por exemplo. Outro ponto importante desse fenômeno é que, embora haja uma

estratégia morfológica consciente e visível, não há uma renovação lexical *stricto sensu*, pois as realizações parecem não se fixar no léxico mental dos falantes. Assim, o estudo deve ir além de uma abordagem puramente *morfolexical*.

Não cabe investir também em uma abordagem apenas *morfofonológica*, que daria conta da análise de um fenômeno como a alomorfia, mas não de *X-ivis* na sua totalidade. A abordagem *morfossemântica*, que poderia explicar os casos de polissemia de formativos, *sozinha*, também não parece suficiente. A *morfossintaxe*, tampouco, pois essa interface se volta recorrentemente a aspectos relacionados à flexão e à análise de classes de palavras, o que não é o caso do fenômeno em questão. A abordagem que mais parece se aproximar do objetivo deste estudo é a chamada *morfopragmática* que, segundo Gonçalves (2002), é um termo

cunhado por Dressler & Kiefer (1990), 'morfopragmática' é um termo auto-explicativo: denomina a disciplina teórica que descreve as relações entre Morfologia e Pragmática. No que diz respeito à derivação, ganha destaque a modalização apreciativa, através do qual o emissor imprime sua marca à palavra, deixando registrada sua impressão a respeito de algo ou alguém (negativa ou positiva). Essa área de investigação não só abriga, como também respalda, a investigação de processos de formação de palavras em que a função primária não é a sintática ou a semântica [...] Processos como esses têm descrição bastante empobrecida em modelos formais, que enfatizam as condições de produtividade que operam sobre bases e produtos (cf. Kastovsky, 1986) (Gonçalves 2002, 43).

Mesmo a abordagem morfopragmática considerando aspectos que, normalmente, não se analisam nos trabalhos de morfologia, ela, por si só, não é suficiente para abordar o fenômeno em questão, pois não se pode abrir mão de todos os outros aspectos formais, funcionais e semânticos. Por isso, é preciso apostar em uma visão complexa do léxico, pelo menos no caso das construções morfológicas *X-ivis*.

Nesse sentido, a Morfologia Construcional, modelo descritivo-interpretativo que se ancora nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e tem sido desenvolvido por autores como Booij (2010) e Gonçalves (2016a, 2016b), vem se mostrando o enquadre teórico que melhor dá conta de construções como as *X-ivis*. Diante disso, a fim de estabelecer outras discussões e sustentar uma visão holística do léxico, utilizaram-se também as discussões de outras teorias da Linguística Cognitiva.

Feitas essas considerações iniciais nesta primeira seção, o trabalho se organiza na seguinte maneira: (i) na seção 2, apresentam-se os princípios teóricos da Linguística Cognitiva; (ii) na seção 3, discute-se o chamado 'léxico proibido', a partir das ideias de Pretti (1984), Pinker (2008) e Almeida (2016); (iii) a seção 4 apresenta, com mais detalhes, as construções *X-ivis*, explicando as suas motivações e elencando uma série de elementos (textos, piadas, canções, programas de TV) que compõem a memória sociocultural do brasileiro e, de certa forma, dialogam as construções em questão; (iv) na sequência, a seção 5, dividida em quatro subseções, traz as análises das construções *X-ivis*, com base em três hipóteses, sem que essas três se excluam mutuamente, além disso, há a apresentação da representação esquemática, em conformidade com a Morfologia Construcional, e a apresentação de categorias radiais, com base na Teoria dos Protótipos, outra teoria da Linguística Cognitiva; (v) na seção 6, são feitas as considerações finais; (vi) por fim, as referências.

2. Fundamentos da Linguística Cognitiva: questões de construção

A Linguística Cognitiva surge entre as décadas de 1970 e de 1980, como uma oposição à Gramática Gerativa. Ela se associa a outras teorias cognitivas que não se voltavam estritamente para as questões linguísticas, como a Psicologia Cognitiva, por exemplo. Autores como George Lakoff, Charles Fillmore e Ronald Langacker são dissidentes da teoria chomskyana e integram o grupo dos primeiros teóricos da Linguística Cognitiva.

Alguns pressupostos teóricos assumidos inicialmente pela Gramática Gerativa motivaram a dissidência dos primeiros cognitivistas, podendo-se destacar: a pouca importância dada às questões semânticas, a abordagem cartesiana que separa a mente e o corpo, a visão modular da mente humana, a pouca importância do fator cultural para as análises linguísticas, a pouca atenção dada ao uso e uma relativa rejeição às abordagens interdisciplinares nos estudos da linguagem.

Um ponto que vale a pena ser discutido é o uso do termo Linguística Cognitiva. Apoiando-se na observação de Rajagopalan (1999), de que um termo como 'ciência da cognição' pode ser muito abrangente quando se quer investir em um tipo específico de cognitivismo, pode-se dizer que 'linguística cognitiva' soaria imprecisa, uma vez que há muitas teorias linguísticas que utilizam de uma base cognitiva, a começar pela própria Gramática Gerativa, que também concebe que a língua como um conhecimento operante na mente humana. Entretanto, são cognitivismos diferentes. Vinculado à Linguística Cognitiva, Tomasello (2003) aponta alguns entraves na teoria gerativa, destacando a questão da modularidade da mente, vista pelo autor como problemática.

O principal problema das teorias da modularidade sempre foi o seguinte: quais são os módulos e como identificá-los? Na ausência de qualquer metodologia comum reconhecida, a maioria dos teóricos enfoca aqueles que consideram ser os mais claros, embora mesmo estes difiram consideravelmente nas diversas explicações (Tomasello 2003, 284).

Em face desse risco teórico-científico, Tomasello (2003) defende uma cognição cultural, assumindo a hipótese de que

a cognição adulta moderna do gênero humano é o produto não só de eventos genéticos que ocorreram ao longo de muitos milhões de anos no tempo evolucionário, mas também de eventos culturais que ocorreram ao longo de dezenas de milhares de anos no tempo histórico, e eventos pessoais que ocorreram ao longo de muitas dezenas de milhares de anos no tempo ontogenético (Tomasello 2003, 302-303).

Note-se, a partir desse excerto de Tomasello (2003), que a Linguística Cognitiva não recusa a predisposição genética na linguagem humana. Esse é um fator de aproximação entre as duas teorias cognitivas da linguagem. No entanto, recusa-se a visão universalista em que o gerativismo investe para abordar o estudo das línguas, sendo esse, então, um motivo de divergência.

Por reflexões dessa natureza, Salomão (2009a) trabalha com o termo *Sociocognitivismo* para sinalizar a inclusão do elemento sociocultural nas análises linguísticas. Nesse modelo, como observa a autora, a linguagem é concebida de uma maneira multifacetada e essas várias facetas podem dialogar com outras teorias linguísticas. Dentro desses vários olhares para a língua, concebe-se aqui:

- a) a língua como um sistema de conceptualização e categorização;
- b) a língua como um fenômeno de natureza cognitiva, no que se aproxima do gerativismo, mas se distanciando no momento em que investe em uma cognição cultural;
- c) a língua como um fenômeno de ordem histórica, uma vez que os usos linguísticos são decorrentes de processos seculares de constituição e tradição, nesse sentido, aproximando-se da Linguística Histórica;
- d) a língua como um fenômeno de ordem social, no que se aproxima da Sociolinguística;
- e) a língua como um fenômeno cultural que traz consigo concepções de uma cultura em um dado momento histórico, no que se aproxima de alguns matizes da Análise de Discurso;
- f) a língua como um fenômeno da expressão.

Dentro da Linguística Cognitiva, há várias teorias que, embora tenham interesses particulares, comungam dessa mesma visão de língua. Alguns exemplos de teorias linguístico-cognitivas são: Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson 1980), Semântica de Frames (Fillmore 1982), Gramática Cognitiva (Langacker 1987), Teoria dos Protótipos (Lakoff 1987), Gramática das Construções (Goldberg 1995), Sociocognitivismo (Salomão 2009), Morfologia Construcional (Booij 2010).

Com o intuito de formalizar a compreensão de língua para a LC e destacar as oposições ao gerativismo, Croft e Cruse (2008, 17; tradução nossa) sinalizam três hipóteses norteadoras: (i) “a linguagem não constitui uma faculdade cognitiva autônoma”²; (ii) “a gramática implica sempre conceptualização”³; (iii) “o conhecimento acerca da linguagem emerge do seu próprio uso”⁴. Os autores explicam também que

essas três hipóteses representam a resposta que os primeiros representantes da Linguística Cognitiva ofereceram às estratégias de análise sintática e semântica da linguagem dominantes em sua época, isso é dizer, a Gramática Gerativa e a Semântica de Condição de Verdade (lógica) (Croft e Cruse 2008, 17; tradução nossa)⁵.

Ainda que a Linguística Cognitiva tenha colocado o significado para o centro de suas análises, sendo, muitas vezes, resumida em uma Semântica Cognitiva, não é correto dizer que não há, nesse enquadre teórico, contribuições para os estudos gramaticais. Autores como Langacker (1987), Lakoff (1987), Goldberg (1995), Salomão (2009b), Basílio (2010), Booij (2010), Gonçalves (2016a) e Bybee (2016 [2010]) investiram e/ou têm investido nessas questões. Evidentemente que, nessas formulações, a visão de gramática não é a mesma que a das teorias formalistas. Assim, sociocognitivistas entendem que estruturas formais/gramaticais, tais como a sintaxe, a morfologia e o léxico formam um continuum de unidades simbólicas que fornecem pistas para entender os padrões de compreensão, não havendo, portanto, uma autonomia da forma sobre o significado.

Dentre essas teorias, a Gramática das Construções, como proposta por Goldberg (1995), tem recebido bastante destaque, sobretudo nos estudos de sintaxe que seguem uma orientação cognitivista. Para Goldberg (1995), a construção é um pareamento entre forma e significado. Dentro desse modelo construcional de Goldberg, voltado para as construções argumentais, as

2. “el lenguaje no constituye una facultad cognitiva autónoma” (Croft e Cruse, 2008, 17).

3. “la gramática implica siempre una conceptualización” (Croft e Cruse 2008, 17).

4. “el conocimiento acerca del lenguaje surge de su propio uso” (Croft e Cruse 2004, 1).

5. “Estas tres hipótesis suponen la respuesta que los primeros representantes de la lingüística cognitiva ofrecieron a las estrategias de análisis sintáctico e semántico del lenguaje dominantes en su época, es decir, a la gramática generativa y a la semántica veritativo-condicional (lógica)” (Croft e Cruse 2004, 1).

diferenças de significados entre construções com um mesmo verbo são atribuídos à construção e não à polissemia do item léxico de categoria verbal, como se faz em outras abordagens. Isso é dizer que essas construções podem ser relacionadas e não devem tomar rumos diferentes, em que umas são analisadas pela gramática e outras pelo léxico, como se faz, muitas vezes, nas análises gerativistas. Ao contrário, desfazendo-se da dicotomia entre o léxico e a gramática, Goldberg (1995) admite que a polissemia possa também ser abordada na sintaxe, assim como na morfologia. A partir dessa deixa, e considerando que o trabalho de Goldberg (1995) se centra fortemente em análises sintáticas, Booij (2010) começa a desenvolver a chamada Morfologia Construcional.

Nessa proposta, Booij (2010) retoma a noção de construção de Goldberg, no entanto chama a atenção para as diferenças quanto à complexidade. Se na abordagem sentencial de Goldberg, construções são pareamentos entre formas (padrões formais) e significado, na abordagem morfológica de Booij, construções são pareamentos entre formas, funções e significados. Essa informação de função sinaliza a necessidade de as construções morfológicas preverem os desempenhos nas sentenças da língua, o que aponta para uma integração entre a sintaxe e o léxico. Uma vez que Goldberg já se debruçou sobre as construções sintáticas, a função não precisava ser delimitada, pois já estava circunscrita nas próprias sentenças, o que não quer dizer que essa autora considerou a informação *função* menos importante.

A visão de léxico assumida por Booij (2010) é a da Teoria da Entrada Plena (Jackendoff 1997). Assim, palavras complexas prefixadas, sufixadas ou compostas (*outputs*) são plenamente especificadas no léxico dos falantes e associadas às palavras primitivas (*inputs*). Segundo o autor, assumir o contrário disso desconsidera a vastidão memória dos falantes. A organização do léxico em Booij (2010) se dá por meio de esquemas. Uma representação dessa sistematização está na figura 1, extraída de Gonçalves (2016a), sobre as construções *X-dor*.

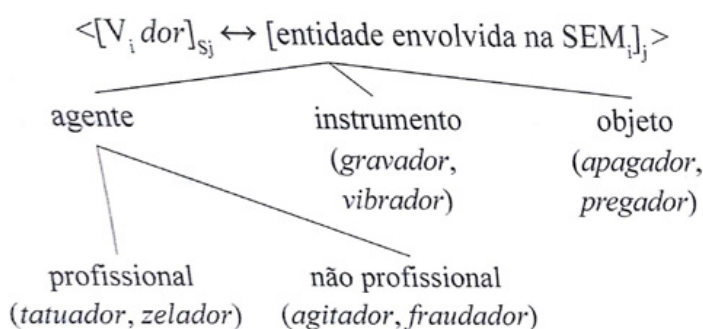


Figura 1: Representação esquemática das construções *X-dor* do português (Gonçalves 2016a, 31).

Essa representação feita por Gonçalves (2016a), a partir das ideias de Booij (2010), pode ser explicada da seguinte maneira: no nó mais alto, sinaliza-se a existência de um padrão formal (sufixação deverbal com *-dor*) que se associa a um padrão categorial-funcional (formação de substantivos) e a um padrão semântico (designar uma entidade). A esse nó, mais alto, dá-se o nome de *esquema geral*. A cada um dos grupos de afinidade semântica abaixo desse esquema geral, *agente*, *instrumento* e *objeto*, dá-se o nome de *esquema dominante*. Por último, os nós mais baixos, *profissional* e *não*

profissional, são os *subesquem*as, que são dominados por um esquema dominante (nesse caso, o de agente) e sendo uma subespecificação desse (profissional ou não profissional são tipos de agente).

A descrição proposta por esse modelo tem avançado, ao permitir a discussão sobre a polissemia na análise morfológica. Dessa forma, não se trata mais da polissemia de uma palavra individualmente, mas de um conjunto de palavras com significados similares que se associam por padrões formais e funcionais. Apesar desse avanço, o modelo tem apresentado problemas para dar conta de muitas construções morfológicas. Diante dessa lacuna, espera-se que as análises a serem aqui empreendidas contribuam com a teoria.

3. Considerações sobre o léxico proibido: aproximações e distanciamentos

O léxico talvez seja o nível linguístico que melhor representa a relação entre língua e sociedade, pois revela costumes e transformações de um povo. Essa é a premissa seguida por Preti (1984), no livro *A linguagem proibida*. As palavras proibidas, segundo o autor, estão intimamente relacionadas com os tabus. Assim, em uma sociedade em que sexo, religião e morte são tabus, as palavras que tocam nessas questões tendem a ser tabuízadas. No rol das palavras proibidas, Preti (1984) coloca as *palavras obscenas*, as *gírias* e os chamados *vocábulos comuns marcados*. As *proibições* dessas categorias, porém, têm razões diferentes.

Em relação às palavras que compõem o *vocabulário obsceno*, Preti (1984, p. 62) observa que, para a análise dessas, é preciso adentrar o “controvertido campo da ‘moral das palavras’”. O autor ressalta que

sabemos que o povo atribui valores éticos aos vocábulos e que esses valores só se alteram em função da alteração dos próprios costumes. Tradicionalmente sempre se pensou que a linguagem grosseira ou obscena fosse exclusiva do povo inculto. O gosto pela obscenidade, porém, não foi, através dos tempos, privilégio da massa ignorante. Também a classe nobre, em certos momentos históricos, fez largo uso da linguagem obscena, como ocorreu na França, no século XVIII, durante o período da regência, quando, nas reuniões da corte, era costume dar até aos mais ingênuos vocábulos, sentidos equívocos e maliciosos (Preti 1984, 62).

No que toca à língua portuguesa, basta observar que, nos textos medievais, momento histórico em que a escrita era um privilégio de poucos, já se verificavam os usos de palavras obscenas nas cantigas de escárnio e maldizer e em outros textos de natureza satírica. Mesmo assim, como observa Preti (1984), a realização desses vocábulos é sempre associada a uma linguagem chula, preconcebida como um falar de pessoas chulas e menos educadas. Em face dessas associações imbuídas de classismos e preconceitos linguísticos, Preti (1984) aponta duas situações transformadoras.

O crescente processo desmitificador do sexo tem alargado ainda mais o uso da linguagem obscena, hoje comum até como índice de coloquialismo, perdida a sua conotação injuriosa, em determinadas situações em que se pretenda forçar uma intimidade maior com o ouvinte. Daí sua presença nos dicionários mais modernos da língua (Preti 1984, 63).

Além disso, dentro dos padrões da vida moderna, em particular, o chamado “palavrão” tem parecido a alguns um importante elemento catártico para aliviar a crescente tensão

social e, nesse sentido, o vemos extrapolar das chamadas classes “baixas” para todos os níveis sociais da comunidade. Sob certos aspectos, poderíamos dizer que isto significa uma mudança de atitude em relação à linguagem grosseira e um dos índices desse fato é a incidência maior de tais termos em contextos de comunicação de massa, como, por exemplo, na propaganda (Preti 1984, 64; grifos do autor).

A segunda categoria de palavras proibidas, na visão de Preti (1984), inclui os *vocábulos gírios* que, segundo o autor, embora não apresentem as mesmas perspectivas em todas as comunidades linguísticas, funcionam como um vocabulário oculto e criptológico que circunscreve a vida e a cultura de um dado grupo social de forma restrita. Esses itens, além de constituírem uma linguagem fechada de comunicação, garantem “a defesa e preservação de classe. E essa característica é que melhor define sua condição *de signo de grupo*, elemento de autoafirmação e identificação dos falantes” (Preti 1984, 66; grifos do autor).

Sobre as gírias de grupo, Preti (1984) observa que, por meio dessas, falantes conseguem expressar suas impressões acerca das sociedades em que vivem, destacando-se a criação de significados novos e a reformulação de significantes das formas convencionadas pelas normas prestigiadas. O autor menciona também que

os grupos restritos agridem com esse vocabulário o convencional, opõem-se a um comportamento linguístico escolhido pela maioria como norma e, assim, deixam marcado seu conflito com a sociedade. Por isso, é possível ver esse vocabulário como um mecanismo social de agressão e defesa, justificando plenamente sua condição de linguagem especial, só acessível a uma minoria (Preti 1984, 66).

Importa salientar o fato de Preti (1984, 66-67) sinalizar que as gírias não são encontráveis somente como formas utilizadas por grupos marginalizados e/ou atuantes em atividades ilícitas ou socialmente desprestigiadas, tais como o crime, o roubo e a prostituição. Gírias também são vistas entre estudantes universitários, vendedores ambulantes, militares, marinheiros, profissionais e técnicos em geral.

A última categoria integrante do léxico proibido proposto por Preti (1984) inclui os chamados *vocábulos comuns marcados*. Segundo o autor, esses são vocábulos não obscenos que podem acionar, no interlocutor, uma associação ao sexo e/ou a qualquer conteúdo considerado tabu na sociedade. Por isso, o vocábulo comum marcado,

pela sutileza de que se reveste, poderia conduzir-nos até mesmo ao que denominamos de discurso da malícia que, sob certos aspectos, assumem um sentido fescenino muito mais intenso do que a própria linguagem obscena, pois seus limites semânticos se abrem e se prendem nos domínios da imaginação do ouvinte, encarregado de selecionar na polissemia do vocábulo o sentido marcado pelo sema do erotismo (Preti 1984, 72; grifos do autor).

A ideia de vocábulo comum marcado proposta por Preti (1984) aponta para uma dimensão cognitiva do léxico, uma vez que envolve associações metafóricas, por exemplo. Preti, no entanto, não explora esse fator cognitivo e, diante dessa ausência, faz-se necessário, destacar o trabalho de Pinker (2008), que também discutiu questões sobre esse ‘léxico proibido’ no capítulo *As sete palavras que não podem ser ditas na televisão*, do seu livro *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza*

humana. Nesse texto, Pinker (2008) discute a liberdade de expressão, a censura e o controle político-midiático, a partir de tabuísmos linguísticos que estão em consonância com temas que são tabus das sociedades, o que justifica a metáfora da 'janela para a natureza humana' que o autor utiliza no título do livro.

Sobre essas palavras proibidas, Pinker (2008) observa que,

embora algumas palavras e imagens despidoras sejam protegidas, outras cruzam uma fronteira vaga e polêmica na categoria de "obscenidade", e o governo pode proibi-las. E, na grande mídia, o Estado tem poderes ainda maiores, e pode proibir palavras sexuais e escatológicas que considere mera "indecência". Mas por que uma democracia permite o uso da força do governo, para barrar a enunciação de palavras para duas atividades sexo e excreção que não fazem mal a ninguém e fazem parte inescapável da condição humana? (Pinker 2008, 368-369).

A partir de um apanhado histórico, Pinker (2008) observa como a perseguição ao discurso obsceno tem uma trajetória antiga nas línguas e isso pode ser observado inclusive nos primordiais textos bíblicos. A respeito dessa caça aos tabuísmos, o autor destaca que

os tabus da língua, portanto, estão envolvidos numa enorme variedade de questões humanas, dos crimes capitais da Bíblia ao futuro da mídia eletrônica. Determinam a fronteira da liberdade de expressão nas democracias liberais, não apenas no controle da mídia pelo governo, mas também em debates sobre agressões verbais, incitação à violência e assédio sexual. E evidentemente fazem parte do juízo diário que fazemos sobre o caráter das pessoas (Pinker 2008, 370-371).

Com base nas passagens do texto de Pinker (2008) citadas até aqui, pode-se constatar que o autor investe em uma análise dos tabuísmos tanto pela perspectiva política, considerando os aspectos de censura e controle por parte dos órgãos de governos democráticos, quanto pelas dimensões cognitivas e experienciais que emergem desses usos e categorizações. Outro trecho desse trabalho que elucida essas questões está a seguir:

Sejam elas chamadas de xingamentos, palavrões, baixo calão, profanidade, obscenidade, indecência, vulgaridade, blasfêmia, baixaria, pragas ou epítetos; como palavras sujas, de quatro letras ou tabus; ou como termos ruins, rudes, grosseiros, vis, salgados, baixos, chulos, indecorosos ou de mau gosto, essas expressões suscitam muitos enigmas para quem estiver interessado na língua como janela para a natureza humana. O medo e o desprezo não são deflagrados pelo conceito em si, porque órgãos e as atividades que eles nomeiam possuem centenas de sinônimos polidos. Nem mesmo pelo som das palavras, já que várias delas possuem homônimos respeitáveis em nomes de animais, ações e até de pessoas. O impúblicável pode passar a públicável com um hífen ou um asterisco, e o impronunciável a pronunciável com uma mudancinha numa vogal ou consoante. É alguma coisa na junção de determinados sentidos com sons que tem um forte efeito sobre as emoções das pessoas (Pinker 2008, 371; grifo do autor).

A partir da leitura dos textos de Preti (1984) e Pinker (2008), observa-se que esses autores apresentam opiniões convergentes e complementares, mesmo com diferenças. Enquanto Preti (1984) faz uma abordagem mais sociolinguística e aborda o léxico como vocabulário de uma comunidade; Pinker (2008) explora as questões cognitivas, abordando o léxico em uma perspectiva mais mentalista, às vezes, aproximando o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico.

A respeito das categorias (*vocábulos obscenos*, *vocábulos gírios* e *vocábulos comuns marcados*) e dicotomias assumidas por Preti (1984)⁶, tais como *linguagem proibida X linguagem permitida*, *coloquialismo X formalidade*, *linguagem grosseira X linguagem educada*, mesmo que o autor reconheça uma pequena mudança de atitude, questiona-se, mais de trinta anos depois, se ainda vale a pena trabalhar com categorias tão polarizadas como as que o autor utiliza, considerando-se que as identidades dos indivíduos (falantes) se mostram cada vez mais diluídas nas sociedades contemporâneas, como já observaram Bauman (2007) e Hall (2011):

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall 2011, 7).

Com base nesse excerto de Hall (2011), é importante questionar a forma rígida e dicotômica com que são abordadas as categorias sociolinguísticas, sendo necessário apostar em categorias mais fluidas e integradas que entram mais em conformidade com as características multifacetadas das comunidades de falantes e se mostram menos limitadas pelo rigor de formulações linguístico-teóricas. Nesse sentido, merece destaque o trabalho de Almeida (2016) sobre o item lexical *foda*, dentro de uma perspectiva sociocognitivista. A autora analisou os usos dessa palavra em espaços virtuais e levou em conta aspectos de (re)conceptualização e (re)categorização por parte dos falantes, como se vê no trecho recortado a seguir.

Esses usos, porém, não se limitam ao virtual; assim sendo, no dia a dia, o item léxico *foda* tem sido utilizado e não sofre, sempre, interdição entre jovens brasileiros de diferentes classes sociais, rapazes e moças, ou, ainda, entre homens e mulheres, senhores e senhoras; há, até mesmo, registros do seu uso na literatura que não recebe etiqueta de erótica e/ou obscena (Almeida 2016, 17; grifo da autora).

O item léxico *foda* não conhece, pois, maiores interdições por parte de variados conceptualizadores que são, em última instância, falantes e escritores do português do Brasil, e pode mesmo ser ouvido em músicas de circulação nacional (Almeida 2016, 17; grifo da autora).

O trabalho de Almeida (2016) contribui para a abordagem mais fluida do ‘léxico proibido’, o que permite que as palavras que integram esse vocabulário possam flutuar nos variados usos por parte dos falantes. No que toca ao item lexical *foda*, analisado pela autora, observa-se que esse apresenta uma elasticidade categorial e polissêmica bastante destacável, podendo ser conceptualizado como ‘algo bom’ ou ‘algo ruim’, o que caracterizaria a sua *auto-antonímia* (termo da tradição lexicológica recuperado pela autora). Além disso, o item pode remeter tanto ao domínio experiencial do sexo, o que mantém o seu status/categoria de proibido, mas também pode apontar para um processo de *desxingamento* (termo neológico cunhado pela autora), havendo uma recategorização nesse caso.

A análise empreendida por Almeida (2016) permite que também se coloque, no espectro da mudança lexical, os processos de extensão de sentido

6. A respeito dessas dicotomias listadas, destaque-se o fato de que só se veem os termos *linguagem proibida*, *coloquialismo* e *linguagem grosseira*. Assim, os opostos são aqui propostos por analogia.

e recategorização, deixando claro que a rapidez com que esses processos acontecem e são observados na contemporaneidade precisa ser levada em conta em um estudo histórico do léxico nas condições atuais.

Em relação às construções *X-ivis*, é importante destacar a necessidade de abordá-las em categorias menos rígidas, pois não se sabe exatamente onde encaixá-las, tanto do ponto de vista do uso quanto do ponto de vista da análise linguística. Se abordadas nos termos de Preti (1984), as construções *X-ivis* podem ser consideradas, ao mesmo tempo, *gírias*, pois identificam um grupo e se revelam como um código criptológico; *vocábulos comuns marcados*, pois envolvem palavras do 'léxico não proibido' usadas em um discurso malicioso; e *vocábulos obscenos*, no instante em que acionam o domínio da experiência do sexo.

Do ponto de vista da análise linguística, é difícil categorizar essas construções, como poderá ser visto na seção 5: há uma notória dificuldade de se assumir precisamente de que tipo de fenômeno morfológico se trata, além do fato de se revelar uma possível inconsistência em tratar o processo como neologia, uma vez que não há produtos neológicos *stricto sensu*.

4. Explicações sobre as construções X-ivis: histórias, usos, avaliações, fatos relacionados e incursões pelo léxico proibido

Para abordar o uso das construções *X-ivis* por falantes de Salvador, será feito, nesta seção, um apanhado de fatos que integram a memória dos brasileiros e podem ajudar na reflexão. Entende-se, aqui, com base em Ricoeur (2007), a memória como um instrumento capaz de guardar dados mnemônicos e (re)significá-los. Isso dialoga com a concepção de linguagem da Linguística Cognitiva, no momento em que se concebe a memória a partir da experiência e essa dimensão experiencial inclui tanto a memória individual quanto a memória social.

Sem se comprometer com uma narrativa explicativa linear, parte-se, aqui, do dia 4 de setembro de 2016. Nessa data, o programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, apresentou, no quadro *Me leva Brasil*, feito pelo jornalista Maurício Kubrusly, uma matéria sobre o uso do formativo *-ivis* por falantes de Salvador. A reportagem, conforme transcrita no *site*⁷ do programa, foi anunciada da seguinte maneira:

Você conhece alguém assim? Que gosta de suco de cajivis, olha para o céu procurando urubivis, tem uma casa feita de bambivis e, na hora de tomar banho, todo nivis, não dispensa um xampivis. Há um estado brasileiro inteiro assim, é o maior rebivis. Tá curioso? Maurício Kubrusly mostra esse lugar no quadro Me Leva Brasil. Mas calma, porque apressado come crivis (site do Fantástico; grifos nossos).

A reportagem de 4 minutos e 33 segundos explicou, com acertos e equívocos, o uso dessa partícula. O programa erra quando sugere que o fenômeno abrange todo o estado da Bahia, quando, até onde se viu, abrange apenas a capital e regiões adjacentes. O programa acerta quando diz que a mudança de som, característica do *baianês*⁸, tem o intuito de evitar uma 'pegadinha', como menciona um dos entrevistados, ou uma 'rima pornográfica', como sugere o repórter. Uma sistematização do uso do *-ivis* (ou de sua variante gráfica *-ives*) foi feita pela página *Salvatoons* no Facebook, como se pode ver na figura 2.

7. Me leva Brasil vai a estado onde tem suco de 'cajivis' e casa de 'bambivis'. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/me-leva-brasil/noticia/2016/09/me-leva-brasil-vai-estado-onde-tem-suco-de-cajivis-e-casa-de-bambivis.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

8. *Baianês* é um neologismo utilizado para se referir ao dialeto falado no estado da Bahia.



Figura 2: Aula ilustrada de baianês (regra do ives); página Salvatoons no Facebook⁹.

A figura 2 explica que há uma substituição do [u] no contexto de oxítonas, pois pode gerar uma ‘rima comprometedoras com o nome popular do esfínter’, ou seja, o *cu*. Na tentativa de conter as rimas, como *meu pau em seu cu*, ao pronunciar palavras como *tatu*, *umbu*, *caju*, *urubu*, *Aracaju*, o falante soteropolitano pode utilizar regularmente essa estratégia e ser compreendido. Sendo assim, não é raro, entre esses falantes, encontrar realizações como as explicitadas de (01) a (08):

- (1) Claro que a taxa de suicídio nos países europeus são altos. Vê se eu ia querer viver sem farofa de banana, *carurivis*, cuscuz de tapioca, etc. (Twitter, 5 jan 2017)¹⁰.
- (2) Cuscuz temperado; ovo mexido; banana; suquinho gelado de *umbivis*; e (claro) café preto. (Twitter, 4 nov 2016)¹¹.
- (3) Tô esperando uma foto sua antes de ser Presida na Fonte Nova ou *Pituaçivis* com a camisa (Twitter, 1 jan 2017)¹².
- (4) Da próxima que se programar pra vir me avise com antecedência, *aracajivis* é aqui ao lado, qualquer dia desses eu te visito tb. (Twitter, 29 dez 2016)¹³.
- (5) Não passava pela minha mente que um dia elogiaria uma música cantada por Maria *Gadivis*, mas “Rapte-me, Camaleoa” com Caetano ficou foda! (Twitter, 24 ago 2014)¹⁴.
- (6) O time me mata do coração e o juiz ainda ajuda alguém ai liga pra *samivis*. (Twitter, 12 jul 2015)¹⁵.
- (7) *Cajivis* já tem, só falta o *pitivis*. (Twitter, 17 jan 2017)¹⁶.

9. Link para a postagem: <https://www.facebook.com/salvatoons/photos/a.1505849336412109.1073741828.1505558156441227/1697333397265701/?type=3&permPage=1>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.

10. <https://twitter.com/tarsylima/status/81703808955000129>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

11. <https://twitter.com/fuckyeahkevin/status/794523277288996864>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

12. <https://twitter.com/seitaticolor/status/815701010308100097>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

13. <https://twitter.com/imperioleitte/status/814290884728590338>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

14. https://twitter.com/Lucho_L45/status/503390411050991617. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

15. <https://twitter.com/gebahiano/status/620332979399860224>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

16. <https://twitter.com/SerBaianoMassa/status/821460844177477632>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

(8) na próxima eu levo p vc aí no costa azivis. (Twitter, 2 jul 2015)¹⁷.

Nos exemplos listados, as formas *carurivis*, *umbivis*, *Pituaçivis*, *aracajivis*, *Gadivis*, *samivis*, *cajivis*, *pitivis* e *azivis* são, respectivamente, oriundas de *caruru*¹⁸, *umbu*¹⁹, *Pituaçu*²⁰, *Aracaju*²¹, *Gadu*²², *SAMU*²³, *caju*²⁴, *Pitu*²⁵ e *azul*. Todas essas palavras são oxítonas terminadas com a vogal [u], o que faz com que alguns falantes efetuem a troca.

Ainda na reportagem do *Me leva Brasil*, o repórter perguntou a uma entrevistada acerca do nome de um instrumento, apontando para o *berimbau*²⁶, ao que ela responde comumente como *berimbau*, mas depois se dá conta de que deveria ter dito *berimbivis*. Diante disso, Maurício Kubrusly comenta que o próprio baiano, às vezes, se esquece da *pegadinha* e pronuncia a letra *u* (sic) normalmente. Há de se considerar, no entanto, que, no contexto de *berimbau*, o [w] é uma semivogal, ao passo que, nos outros contextos da reportagem, o [u] era uma vogal tônica em posição final. Esse condicionamento fonético talvez dificulte a associação.

Embora a reportagem tenha sido feita em 2016, as construções são verificadas em Salvador há mais tempo. Uma das realizações encontradas no site *Twitter*, reproduzida a seguir em (9), é datada de 2008, mas o contexto é bastante impreciso, pois não há certeza sobre a palavra de origem, como se pode ver (sugeriu-se *Cacau*).

(9) Criando o repertório da festa na casa do *Caquivis* ... Está legal, mas falta apenas gravar os pontos ... Benditos ... Ainda os pego ... (Twitter, 3 de out de 2008)²⁷.

Na suposição de que tenha sido *Cacau* a palavra de origem, nota-se que o contexto mais antigo encontrado não aponta para o contexto mais frequente, em que a mudança incide em palavras terminadas com a vogal [u].

Em relação às rimas pornográficas mencionadas na reportagem, sejam feitas algumas observações. A primeira é o próprio conceito de rima, que se pode considerar como uma 'identidade sonora' entre os finais de duas ou mais palavras (*amor* rima com *dor*, *tédio* rima com *remédio* e *aquário* rima com *otário*).

Essa 'identidade sonora' já foi abordada, de alguma maneira, na linguística estrutural, por meio das relações associativas de Saussure (2012 [1916]), que considerava a possibilidade de as palavras se associarem na memória dos falantes com base em suas semelhanças fonológicas. Assim, poderiam se associar palavras como *ensinamento*, *elemento* e *lento*.

No que toca às construções *X-ivis*, importa dizer que a realização está condicionada a um padrão de identidade de sonora e de reconhecimento. Isso é dizer que a realização das palavras terminadas em [u] ou em [aw] aciona, na mente dos falantes, uma associação com as palavras *cu* e *pau*, por exemplo. Para evitar uma possível rima, usa-se o esquema *X-ivis*. No entanto, esse uso também possui restrições: se a construção *X-ivis* não permitir o reconhecimento da palavra primitiva, seu uso será improvável, como seria o caso de uma construção como *nivis* (para *nu*), que não se atestou no *corpus*.

Ainda sobre essa identidade sonora, mais precisamente sobre as ditas obs-cenas, cabe ainda destacar que o seu uso ou não uso, dentro do *discurso malicioso*, é recorrente em piadas, adivinhações e músicas de duplo sentido

17. <https://twitter.com/brisdammr/status/616754962631127041>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

18. Especiaria de matriz africana típica da culinária baiana. É um cozido de quiabo, gengibre, camarão seco, cebola e azeite de dendê.

19. Fruto do umbuzeiro.

20. Bairro de Salvador, capital da Bahia.

21. Cidade brasileira. Capital do estado de Sergipe.

22. Sobrenome da cantora brasileira Maria Gadu.

23. Sigla para Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

24. Fruto do cajueiro.

25. Marca de cachaça/aguardente brasileira.

26. Instrumento musical de origem africana.

27. <https://twitter.com/evbishop/status/945352178>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

que integram a memória textual dos brasileiros. Em relação às adivinhações, um caso famoso envolve o apresentador Sílvio Santos, em um programa de televisão. No vídeo disponibilizado no Youtube²⁸, procede-se o seguinte diálogo:

- Menina: Qual a diferença do poste, do bambu e da mulher?
Sílvio: Qual a diferença do poste, do bambu e da mulher?
Lá vem besteira.
Qual a diferença do poste, do bambu e da mulher?
Não, não sei.
Menina: O bambu, não. O poste dá luz em cima, a mulher dá luz embaixo.
Sílvio: O poste dá luz em cima, tá certo. A mulher dá luz embaixo.
E o bambu?
Menina: Enfia no seu cu.

28. Vídeo de Sílvio Santos com "menina do bambu". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2AUWGeNHaog>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

É justamente esse tipo de brincadeira que as construções com *-ivis* tentam evitar, pois é uma sequência fônica rara e pouco provável de acionar uma rima qualquer, ainda mais de cunho sexual. Em relação às músicas, o jornalista Rodrigo Faour (2006), em um dos capítulos do seu livro *A história sexual da MPB — a evolução do amor e do sexo na canção brasileira*, observa que, desde as primeiras canções brasileiras registradas na primeira década do século XX, já se observavam letras de duplo sentido. O autor dá um importante destaque à produção nordestina nesse capítulo, mencionando as críticas, sobretudo nas décadas de 70 e 80, em que jornalistas chamavam essas músicas de *pornô-canção*.

Entre as músicas que fizeram sucesso com o gênero do duplo sentido, Faour (2006) menciona *Procurando tu*, música de Antônio Barros e J. Luna, gravada por Jackson do Pandeiro e Ivon Curi, em que o aparentemente inofensivo *tu* remetia a outra palavra muito parecida (novamente, veja-se a associação fônica com *cu*). Na música brasileira em geral, artistas como Sandro Becker, Genival Lacerda, Zenilton, Dicro e Tati Quebra-Barraco fizeram sucesso com esse tipo de música. A seguir, destacamos algumas dessas canções.

Eu vinha no caminho e encontrei um urubu
Pisei no rabo dele ele mandou tomar cuidado
Julieta-tá, tá me chamando
Julieta-tá, tá me chamando

[...]

Namoro uma garota que se chama Marieta
Ela tem uma saia curta que aparece a etiqueta
Julieta-tá, tá me chamando
Julieta-tá, tá me chamando

(*Julieta*, gravada por Sandro Becker)

A galinha, quando bebe, olha para o céu azul
Pedindo para que chova milho, porque tá cansado o seu ...
Olha a rima, o negócio é rimar,
Olha a rima que dá, olha a rima
O negócio é rimar, perigosa é a rima que dá

(*Olha a rima*, gravada por Dicro)

Entrei numa loja, estava em liquidação.
Queima de estoque, fogão na promoção.
Escolhi da marca Dako porque Dako é bom!
Dako é bom!
Dako é bom!
Calma minha gente, é só a marca do fogão!!

(*Dako é bom*, gravada por Tati Quebra-Barraco)

Tanto a piada quanto as canções e as motivações nas construções *X-ivis* permitem observar questões acerca do discurso humorístico. Possenti (2012), no livro *Humor, língua e discurso*, menciona que o sexo é um dos temas mais recorrentes em piadas e isso se justifica por esse ser um tema corriqueiro que povoa o imaginário social e coletivo. Note-se que os efeitos de humor nas piadas e nas canções mencionadas não vêm da experiência do sexo puramente, mas de um aspecto específico: a sujeição/passividade, sobretudo a que se exerce na prática do sexo anal.

Essas piadas e canções funcionam como pistas para entender os discursos machistas e homofóbicos que circulam na sociedade brasileira. Como observou Oliveira (1994), numa cultura machista, a figura erótica idealizada para o homem é a do comedor, penetrador e ativo, ao passo que a da mulher é a da doadora, penetrada e passiva, por isso, nessas culturas, o humor com o sexo vai incidir sobre a mulher ou sobre tudo aquilo que se relacionar ou se aproximar da sua figura, ou ainda sobre aquilo que tornar o homem menos macho/viril, o que incluiria as práticas em que os homens são passivos e penetrados por outro homem ou por uma mulher.

É esse medo/pavor da ideia de sujeição/passividade e de ser 'menos homem' que entra em jogo no uso das construções *X-ivis*. Nem mesmo nos atos enunciativos mais corriqueiros, os falantes, sobretudo os homens, admitem a associação à passividade. Evidentemente, essas expressões já são usadas por mulheres e isso pode estar relacionado a três fatos: (i) um possível deslizamento semântico-discursivo em que as pessoas já não associam esse uso ao *domínio*²⁹ ou *frame*³⁰ do sexo; (ii) o fato de as principais rimas se darem em torno da palavra *cu* e o sexo anal ainda ser um tabu faz com que as mulheres também procurem escapar dessa associação; (iii) ou a lógica de circulação dos discursos hegemônicos é a de que os próprios oprimidos assumam-nos e reproduzam-nos.

Outro fato importante sobre as construções *X-ivis* é que não se sabe ao certo a origem dessas construções, nem quando começaram a ser usadas. O único ponto acertado sobre esse fenômeno é a hipótese de que seja realmente característico/exclusivo de Salvador e adjacências. Isso pode ser visto em textos de informantes coletados em uma postagem direcionada no Facebook³¹ e em blogs da Internet:

Pelo amor de Deus!!!! Anhangabaú, não!!!! Anhangabaivis! Grajaú nem pensar!! Grajaivis. Bem que eu queria dizer isso em alto e bom som ao ver o povo daqui de SP falando tantas palavras "perigosas" assim naturalmente [...] Na minha terra, baiano que é baiano nasce com um mínimo de malandragem, se protege rapidamente de qualquer rima maldosa. Portanto, jamais falamos palavras que terminam com a sílaba tônica nas letras U (Pitú), ÁU (Cacau), ÃO (canhão). Corremos o risco de nos deparar com um baiano miserável, que vai soltar na mesma hora uma frase com rima poderosa que dói no fundo da alma. Sendo assim, há um bom tempo foi criado um artifício linguístico bastante

29. Para a noção de domínio, consultar Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

30. Para a noção de *frame*, ver Fillmore (1982).

31. No dia 19 de outubro de 2016, o autor deste artigo fez uma postagem em sua conta pessoal no Facebook, perguntando aos seus contatos, naturais da Bahia ou não, se reconheciam as construções *X-ivis*. Aos não baianos, foi perguntando também se eles já ouviram falantes de outras origens fazendo esse uso. Aos baianos, perguntou-se a respeito dos contextos de uso, se eles reconheciam outros contextos além das substituições nos casos de [u] vocálico e oxitono.

interessante, que corre solto no vocabulário de baianos mais precavidos. O sufixo IVIS substituiu a sílaba tô nica que permite te desmoralizar na frente dos outros. Então, seguindo o exemplo e sempre raciocinando rapidamente, temos: Baiano que se protege jamais come caruru. É carurivis!!! (blog Mau Sampaio, 26 de janeiro de 2010)³².

Rapaz, nunca ouvi ninguém falando assim, só na Internet e sempre pensei que era algo ligado ao Mussun (Informante 1, natural e residente em Irecê-BA, quando perguntado se já tinha ouvido alguém usando as construções X-ivis).

[Informante 1] falou exatamente o que eu ia falar. É a única vez que ouvi sobre isso foi justamente na matéria do Kubrusly (Informante 2, natural e residente em São Paulo-SP, quando perguntada se já tinha ouvido alguém usando as construções X-ivis).

Oxente que zorra é essa? (Informante 3, natural de Santo André-SP e residente em São Paulo-SP, quando perguntada se já tinha ouvido alguém usando as construções X-ivis).

Nunca ouvi, rs (Informante 4, natural e residente em São Paulo-SP, quando perguntada se já tinha ouvido alguém usando as construções X-ivis).

Nunca ouvi isso aqui no Rio, só em SSA (Informante 5, natural de Salvador-BA e residente no Rio de Janeiro-RJ), quando perguntada se já tinha ouvido alguém usando as construções X-ivis).

Também vi essa matéria e achei estranho, sou do interior e tem 10 que moro em Salvador e nunca presenciei nem o pessoal daqui ou do interior fazendo tal troca (Informante 5, natural de Barra do Mendes-BA e residente em Salvador-BA, quando perguntada se já tinha ouvido alguém usando as construções X-ivis).

Em relação à fala do Informante 1, veja-se que há uma sugestão para a origem dos usos: um desdobramento dos *memes*³³ Mussum Forevis. Mussum foi um personagem de Antônio Carlos Bernardes Gomes, um dos Trapalhões, falecido em 1994. Ele ficou marcado pelo uso generalizado da terminação *-is*, sobretudo no seu bordão mais famoso *Cacildis* ou ainda frases como *O governo está certis* ou *lexias* como *suco de cevadis*. Essa referência a Mussum foi utilizada também pelo grupo brasileiro Raimundos, no lançamento do disco *Só no forévis* (1999), em que *forévis* significa *bunda*³⁴:

Embora se saiba que o personagem Mussum esteja na memória televisiva dos brasileiros há muitos, em relação aos memes que retomaram essas terminações utilizadas por Mussum, o movimento chamado Mussum Forevis culminou nas redes sociais, de 2009 a 2012. A respeito disso, de acordo com o site KnowYourMeme, o Mussum Forevis surgiu pelos idos de 2009, mais precisamente no mês de outubro, quando o comediante ganhou um tributo parodiando o slogan presidencial da campanha do americano Barack Obama. O lançamento da novidade foi feito devido ao anúncio feito pelo Comitê Olímpico Internacional, confirmando que os Jogos Olímpicos de 2016 serão sediados na cidade do Rio de Janeiro (site Mega Curioso)³⁵.

Alguns exemplos dos memes do Mussum Forevis podem ser vistos nas figuras 3, 4 e 5 a seguir:

32. *Carurivis X Sururivis X Scooby-divis*. Disponível em: <http://mausampa.blogspot.com.br/2010/01/carurivis-x-sururivis-x-scooby-divis.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

33. "A expressão meme de Internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeo e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet. O termo é uma referência ao conceito de memes, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em 1976 no seu livro *The Selfish Gene*". Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)). Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

34. Veja algumas das frases mais conhecidas de Mussum. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/07/1480670-veja-algumas-das-frases-mais-conhecidas-de-mussum.shtml>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

35. Os 16 melhores memes do Mussum. Disponível em: <http://www.megacurioso.com.br/memes/28017-os-16-melhores-memes-do-mussum.htm>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

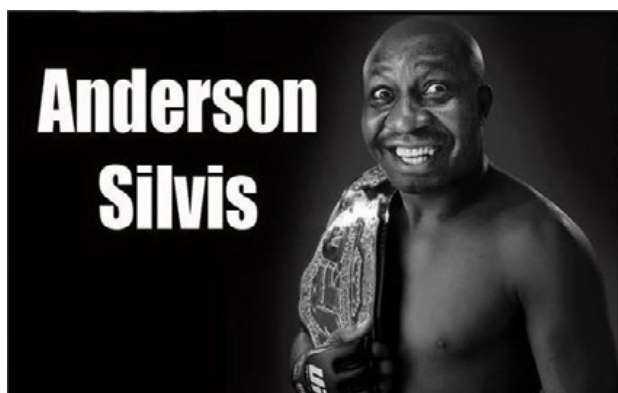


Figura 3: Anderson Silvis; site Mega Curioso, numa reprodução do Know Your Meme.



Figura 4: Steve Jobis; site Mega Curioso, numa reprodução do Know Your Meme).



Figura 5: Que ano horrivis (Keanu Reeves); blog Piadas Infames³⁶.

Sobre os memes *Mussum Forevis* e suas possíveis relações com as construções *X-ivis*, destaquem-se algumas constatações: (i) o Mussum Forevis adquiriu alcance nacional, enquanto o fenômeno das realizações *X-ivis* aparece apenas entre alguns falantes de Salvador; (ii) sugere-se que o Mussum

36. O que disse o Mussum sobre o ano que passou?. Disponível em: <https://piadas-infames.blogspot.com.br/2013/12/o-que-disse-o-mussum-sobre-o-ano-que.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

Forevis tenha emergido em meados de 2009 e as construções *X-ivis* foram vistas em 2008, mas isso é frágil, porque Mussum já era um personagem famoso antes disso tudo; (iii) por fim, as construções *X-is* do Mussum Forevis têm muito mais aplicabilidade que as construções *X-ivis*, que parecem selecionar contextos mais específicos de realização.

Diante dessas considerações, admite-se uma imprecisão na associação entre os dois fenômenos que parecem muito mais independentes e concomitantes do que derivados um do outro. No entanto, essa hipótese não é rechaçada no quadro de análise empreendida com maior detalhe na seção 5.

Em vias de sumarização, essa seção tratou de caracterizar o fenômeno em questão, associando-o a outros fatos da memória coletiva, social, textual, cultural (musical e televisiva) e discursiva dos falantes da língua portuguesa do Brasil. Isso é importante, porque são informações da enciclopédia (conhecimento de mundo) que se associam a fatos linguísticos, sem haver qualquer hierarquia nessa relação, dialogando, portanto, com os pressupostos da Linguística Cognitiva.

5. Análise dos dados: discutindo contextos, origens e construções aparentadas

As construções *X-ivis* serão analisadas de várias formas nesta seção, com base nas três diferentes hipóteses sobre a sua origem. Na primeira, apresentada na subseção 5.1, assumem-se as construções *X-ivis* como desdobramentos/extensões das construções *X-is*, utilizadas pelo personagem Mussum. Na segunda análise, explorada na subseção 5.2, as construções são abordadas independentemente. Na última análise, discutida na subseção 5.3, tomam-se as construções *X-ivis* como espécimes de neologismos fonológicos (Alves, 2007). Na seção 5.4, apresenta-se uma interpretação mais contundente conforme a Morfologia Construcional e a Teoria dos Protótipos, teorias da Linguística Cognitiva.

5.1. *X-ivis* como desdobramentos de *X-is*: a hipótese dos splinters

Para assumir que as construções *X-ivis* tenham se originado das construções *X-is*, baseadas no personagem Mussum, é preciso fazer algumas observações. A primeira diz respeito ao contexto fonológico: as construções *X-is* se mostram muito mais aplicáveis que as *X-ivis*, pois as construções baseadas em Mussum selecionam inputs (palavras primitivas) com as mais diferentes características fonológicas.

Se tomadas as realizações³⁷ *Silvis* (*Silva*, ver figura 3), *Jobis* (*Jobs*, ver figura 4), *cinquis* (*cinco*, ver figura 4), *onzis* (*onze*, ver figura 4), *horrivis* (*horrível*, ver figura 5), *Cacildis* (*Cacilda*), *Gabrielis* (*Gabriela*), *Obamis* (*Obama*), *Restartis* (*Restart*), *Battlefieldis* (*Battlefield*), *Nirvanis* (*Nirvana*), *Starbuquis* (*Starbucks*), *Clodovilsis* (*Clodovil*), *Rousseffis* (*Rousseff*), *Keep Calmis* (*Keep Calm*), *Wandis* (*Wando*), pode-se ver que as construções *X-is* se aplicam a palavras terminadas em *diferentes vogais* átonas, *ditongos decrescentes* e *diferentes consoantes*. No caso das palavras terminadas com vogais átonas e ditongos decrescentes, há, na maioria dos casos (*horrivis*, *Nirvanis*, *Silvis*, *Obamis*, *cinquis*, *Wandis*, *onzis*), uma supressão desses fonemas e a inserção do *-is*, sendo *Clodovilsis* a única exceção, em que se vê, inclusive, a forma variante (alomorfe?) *-sis*. No caso das palavras terminadas em consoantes

37. As construções citadas nesse parágrafo foram encontradas nos seguintes endereços: <http://veja.abril.com.br/tecnologia/dez-memes-inspirados-em-mussum-morto-ha-20-anos/>; <http://www.megacurioso.com.br/memes/28017-05-16-melhores-memes-do-mussum.htm>. Acessos em 14 de fevereiro de 2017.

(*Restartis, Battlefieldis, Keep Calmis, Rousseffis*), em geral, há apenas a inserção do *-is*. Destaque-se também a adaptação de palavras terminadas em [oclusiva +s] em [oclusiva + is], como *Starbuquis* e *Jobis*.

Não se viu, entre os exemplos encontrados de *X-is*, nenhum contexto em que a palavra de origem seja oxítone em [u], como acontece na maioria das construções *X-ivis*. Os contextos fonológicos das construções *X-ivis* estão apresentados no quadro 1.

Contextos fonológicos	Contextos do output	Inputs
Oxítonas em [u]	23' Falta pro Atlético. Afasta a zaga e no rebote ... Pedro Bambivis chuta pra fora... (Twitter, 26 nov 2016) ³⁸	Bambu (Pedro Bambu) ³⁹
	Arrrrrrhhh começou a tocar agridoce aqui bad da porra tomar no quivis (Twitter, 3 nov 2016) ⁴⁰	Cu
	"O Beiru não morreu. Tancredo Neves é só outro nome." Beirivis (Twitter, 8 ago 2013) ⁴¹	Beiru (Estrada do Beiru) ⁴²
	Era de cobertura meu fio... direita so serve pra subir no busivis mesmo ne (Twitter, 4 fev 2015) ⁴³	Busu ⁴⁴
	Os acontecimentos e numeros tem demonstrado quem está certo e errado. mas com certeza tem caroço nesse anguvivis. (Twitter, 9 set 2014) ⁴⁵	Angu ⁴⁶
	Pretendia ir p ensaio de peixe hoje no andivis, mas essa febre e essa chuva acabou c meus planos. (Twitter, 20 nov 2016) ⁴⁷	Andu (Alto do Andu) ⁴⁸
	Arrumar as coisas pra ir em Cativis. (Twitter, 17 dez 2016) ⁴⁹	Catu ⁵⁰
Oxítonas em [aw]	#MingauEterno HAHHAHA Coitado do Minguivis rs. #AgoraÉTarde (Twitter, 17 mai 2013) ⁵¹	Mingau ⁵²
	Opa venhar sim fazer mt brincadeira leguvivis. (Twitter, 12 set 2015) ⁵³	Legal
	Dia 23/06 estarei em Berimbivis (Berimbau). Curtir @gusttavo_lima e @psirico, quem vai???? (Twitter) ⁵⁴	Berimbau ⁵⁵
	Só vou me matricular dps do carnarivis, espero cair na sala de B, gabes tá lá. (Twitter, 6 jun 2012) ⁵⁶	carnaval
	Analizando jogo de vice time sem defesa tem sofrer mesmo! Adriano pardivis o nome do jogo! (Twitter, 19 jan 2014) ⁵⁷	Pardal (Adriano Pardal) ⁵⁸
	Amarivis pra cobrar falta .. e Tiago é um péssimo goleiro ... to com medo! @semprebahia @baheaminhaporra. (Twitter, 1 set 2011) ⁵⁹	Amaral ⁶⁰

38. <https://twitter.com/semprebahia/status/802601444255920128>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 39. Jogador de futebol brasileiro.
 40. https://twitter.com/_stabler/status/794025303286943744. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 41. <https://twitter.com/Billycostalonga/status/365614994718593026>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 42. Antigo nome do bairro Tancredo Neves, na cidade de Salvador.
 43. <https://twitter.com/ChoppTricolor/status/563117817638424576>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 44. Forma variante para designar o ônibus.
 45. <https://twitter.com/nelcitos/status/509402541067886592>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 46. Prato típico da culinária brasileira que se faz muito presente na Bahia.
 47. <https://twitter.com/yaxdvoskin/status/800330587131310080>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 48. Nome de um bairro na cidade de Salvador.
 49. <https://twitter.com/GeoBarreto/status/810074154380775425>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 50. Nome de município baiano.
 51. <https://twitter.com/alviinhomcd/status/335246888511090688>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 52. Nome de um alimento feito geralmente com leite e açúcar misturados com algum tipo de farinha ou cereal para engrossá-lo.
 53. <https://twitter.com/xaspoldo/status/642737604622987264>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 54. <https://twitter.com/euflp/status/210374519720914944>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 55. Neste contexto, refere-se a um município baiano.
 56. <https://twitter.com/MrFinalChance/status/69505230862002177>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 57. <https://twitter.com/pedrobio06/status/425069556923523072>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 58. Nome de um jogador de futebol brasileiro.
 59. https://twitter.com/eros_cohen/status/109433564118007808. Acesso em: 13 de fevereiro de 2017.
 60. Nome de um jogador de futebol brasileiro.

Contextos fonológicos	Contextos do output	Inputs
Oxítonas em [ãw] ⁶¹	Hj vamos pra praia gigante. E a praia é a do Bairro do Rio Vermelho de nome Buracão. + como todo baiano se respeita é Buraquivis, se n tem rima. (Twitter, 8 set 2012)	Buracão ⁶²
	Quem vai no bobó de camarivis??? (Twitter, 22 abr 2012) ⁶³	Camarão
	Feijão: Sonho com a torcida gritando meu nome – Imagina a torcida gritar isso num Bavi!? A do vice vai rimar! No máximo vão gritar Feijivis! (Twitter, 17 jan 2013)	Feijão
	Passar em casa, bater o rango, banho, depois ir no aeroporto pra depois Barradivis. (Twitter, 31 jul 2015) ⁶⁴	Barradão ⁶⁵
	A @dressaecb bem sabe né tubarivis X cocisa :// (Twitter, 25 set 2012) ⁶⁶	Tubarão ⁶⁷
	Cheguei do col e taiane me fez ir lá no atacadivis com ela, o bom foi que conversamos pakas.. (Twitter, 28 mar 2011) ⁶⁸	Atacadão ⁶⁹
	Hora de assistir Se Liga Boquivis! #TemQueVer (Twitter, 23 mai 2011) ⁷⁰	Bocão (Se Liga, Bocão!) ⁷¹
	Meu motivo maior de vim pra riachivis! Amo tanto! (Twitter, 20 set 2015) ⁷²	Riachão (Riachão do Jacuípe) ⁷³
	Pq é tão calor em Ribeirivis? (Twitter, 22 dez 2014) ⁷⁴	Ribeirão (Ribeirão Preto) ⁷⁵
Outros contextos	Bahia de verdade era quando Terra Samba e Araketivis faziam sucesso. (Twitter, 13 set 2014) ⁷⁶	Araketu ⁷⁷ []
	E esse barroquivis, foi sucesso? Kkkkk ainda mais 6 hrs, que os peão tao saindo tudo do emprego euheuehuehe (Twitter, 24 mar 2011) ⁷⁸	Barroquinha ⁷⁹
	Kkkkkk tou aqui em itapuvivis engordando vou te perguntar um negoço por DM. (Twitter, 7 jan 2011) ⁸⁰	Itapuã ⁸¹
	@logadinha @VOvoNoberto mais caro? entao leva ela pro gaúchão ali na orla, é file ... la em piativis eithan .. (Twitter, 19 jun 2011) ⁸²	Piatã ⁸³
	Na época economizei muito para comprar a minha. Era muita chinfra desfilar com ela no lguatemivis. (Twitter, 25 mar 2014) ⁸⁴	Iguatemi ⁸⁵
	Vi gente boa pacaralho ontem em Alogalinas..Descendo pra lá agorinha.. comprar uma cordinha de caranguejivis pra curtir meu baba amanhã. (Twitter, 23 jul 2011) ⁸⁶	Caranguejo

Quadro 1: Dados coletados de construções X-ivis.

61. Essa representação fonética foi utilizada para os ditongos em ão e não está de acordo com o alfabeto fonético internacional.

62. Praia do Buracão, nome de praia da cidade de Salvador.

63. <https://twitter.com/gabinhodabahia/status/19409395518959616>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

64. <https://twitter.com/hiltonmagno/status/62730591355781120>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

65. Nome popular do estádio Manuel Barradas, que fica na cidade de Salvador.

66. <https://twitter.com/ruanis/status/250737894262706176>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

67. Neste contexto, trata-se de um bairro da cidade de Salvador.

68. <https://twitter.com/juuhcc/status/5241321532487680>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

69. Nome de uma rede de supermercados.

70. <https://twitter.com/theufontes/status/72694954585108480>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

71. Nome de um programa de televisão popular na Bahia.

72. <https://twitter.com/cleidelzma/status/645662390357504001>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

73. Nome de município do estado da Bahia.

74. <https://twitter.com/WAT/status/547198826717917184>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

75. Nome de município do estado de São Paulo.

76. <https://twitter.com/matheuslacerda/status/543933763663982592>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

77. Nome de um conjunto musical cuja trajetória se iniciou em Salvador.

78. <https://twitter.com/CaiaoRoots/status/510741616661054977>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

79. Nome de um bairro na cidade de Salvador.

80. <https://twitter.com/maipassos/status/23503374364184576>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

81. Nome de um bairro na cidade de Salvador.

82. <https://twitter.com/GatoxHD/status/82463801584254977>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

83. Nome de um bairro na cidade de Salvador.

84. <https://twitter.com/obaiano/status/448304572298035200>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

85. Nome de um antigo e famoso shopping center da cidade de Salvador. Atualmente, chama-se *Shopping da Bahia*.

86. <https://twitter.com/viniichaves/status/94749577357434881>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

Os dados apresentados no quadro 1 apontam o caráter mais restritivo das construções *X-ivis* frente às construções *X-is*. Um ponto que aproxima as duas construções é que elas não fazem mudança da categoria lexical, visto que não geram uma palavra nova, no sentido estrito. A diferença é que as construções *X-is* admite a aplicação em categorias não nominais (substantivo e adjetivo), como *onze* e *cinco*, o que não se viu em *X-ivis*. *X-ivis* e *X-is* poderiam ser tratadas como variações alomórficas de um mesmo formativo, mas, para que isso ocorresse, seria preciso entrar em critérios de origem, etimologia, distribuição complementar e valor linguístico, e não se teve acesso a muitas dessas informações.

Outra possibilidade de análise é tratar esse fenômeno como um espécime de *splinter*. Gonçalves (2016a), um dos primeiros autores a tratar desse fenômeno no português do Brasil, introduz a noção do *splinter* da seguinte maneira: “Em inglês, *splinter* originalmente significa *fragmento, pedaço, lasca*. Na literatura morfológica, por sua vez, o termo remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais” (Gonçalves 2016a, 110, grifos do autor). Alguns exemplos de *splinters* são vistos em Gonçalves (2016b), em que há uma separação entre *splinters* não nativos (*xenconstituíntes*) e *nativos*. No quadro 2, apresentam-se alguns dados do referido autor.

	Formas	Exemplos	Palavra-modelo	Significado nas novas formações
Splinters não nativos	ciber-	ciberataque, cibercafé	Cybernetics	Digital
	wiki-	wikinovela, wikijuris	Wikipedia	enciclopédia virtual sobre
	-búrguer	Franbúrguer, eggbúrguer	Hamburger	sanduíche
	-gram	Pobrogram, favelagram	Instagram	foto digital de
	-Tube	pornôTube, UFFTube	YouTube	pela Internet
Splinters nativos	-drasta	sogradrasta, paidrasto	Madrasta	parente por empréstimo
	-nejo	pagonejo, quintaneja	Sertanejo	Sertanejo
	-nesse	macarronese, ovonese	Maionese	salada de maionese com
	piri-	pirigótica, piricrente, piriprima	Piriguete	mulher sensual
	caipi-	caipifruta, caipivodka	Caipirinha	caipirinha

Quadro 2: Dados de splinters nativos e não nativos (Gonçalves 2016b, 87-89, grifos desse autor).

Leitor de Bauer (2004, 2005), Gonçalves (2016a) menciona que esse autor entende o *splinter* como a parte de uma palavra utilizada de maneira repetida na cunhagem de novos itens lexicais e destaca que Bauer considera que o *splinter* surja de um cruzamento vocabular que, após ser ter a sua

estruturação reanalisada pelo falante, passa a atuar com um estatuto similar a de um afixo derivacional. Nos termos de Bauer (2004), o *splinter* pode ser resumido como

uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra “alcoholic”. Em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em “alcohol” e “-ic”. Mas essa palavra foi reanalisada como alc-oholic, e o novo splinter -oholic (variavelmente soletrado), em seguida, reocorre em palavras como chocoholic, spendaholic e shopoholic (Bauer 2004, 77, apud Gonçalves 2016a, 111).

Se, para haver um *splinter*, for preciso que ele seja derivado de um cruzamento vocabular, vários exemplos listados por Gonçalves (2016b) e pelo próprio Bauer (2004, 2005) teriam de ser revistos. Gonçalves (2016a, 2016b) aborda o fenômeno com mais flexibilidade, identificando *splinters* em outros contextos, sem que o conceito norteador se perca.

É por meio dessa flexibilização que se pode admitir a possibilidade de *X-ivis* ser um *splinter*. A explicação para isso seria a seguinte: diante de uma construção *X-is* como *horrivis*, um falante a reanalisaria, assumindo que, no lugar da concatenação morfológica ser *horriv-* + *-is* (em relação a *horrível*), haveria *horr* + *-ivis*. Isso nem seria tão drástico do ponto de vista estrutural, considerando que *horrível* pode ser analisada como *horr* + *í* + *vel*. Nessas condições, o *-ivis*, obtido a partir de *horrivis*, seria um *splinter* que, dada a sua frequência, é assumida como um afixo por alguns falantes de Salvador. O problema de assumir a hipótese do *splinter*, nesses casos, é que não são linguisticamente transparentes os significados do formativo *-is* na hipotética palavra modelo e do *splinter -ivis* nas construções encontradas.

A questão semântica, inclusive, é algo que distancia bastante as duas construções, visto que, nas *X-ivis*, há uma motivação mais especificada, ao passo que, nas *X-is*, há uma motivação mais generalizada. Evidentemente que o movimento de se partir de um contexto semântico mais geral para mais um específico, pode acontecer e já aconteceu na história de muitos afixos da língua portuguesa, mas optou-se por sinalizar essa observação, a fim de que essa hipótese de origem seja vista de maneira comedida, deixando claro também que não é sumariamente descartada.

5.2. *X-ivis independentemente de X-is: a hipótese dos chunkings*

A análise que se apresenta nesta subseção também passa pela questão da frequência de uso, critério importante para a definição do *splinter*. Por isso, de antemão, avisa-se que o tratamento aqui dado não é exatamente oposto ao feito na subseção anterior. A divergência se dá somente pela ausência de uma origem específica.

Nesses termos, o conceito norteador desta segunda análise é o de *chunking*, visto aqui por meio de Bybee (2016 [2010]). Segundo essa autora, o *chunking* “tem sido identificado como um processo que influencia todos os sistemas cognitivos, com base na organização geral da memória” (Bybee 2016 [2010], 64). Leitora de Newell (1990), a autora introduz um excerto desse trabalho, onde se lê que

um chunk é uma unidade da organização da memória, criado pela união de um conjunto de chunks já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. Chunking implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, levando, assim, a uma organização hierárquica da memória. Chunking parece ser uma propriedade onipresente da memória humana (Newell 1990, 7, apud Bybee 2016 [2010], 64; grifos da autora).

Na visão de Bybee (2016 [2010]), a principal característica de *chunking* é a sua repetição. Dessa forma, “se dois ou mais *chunks* menores ocorrem com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma” (Bybee 2016 [2010], p. 65, grifos da autora). Isso é dizer que se duas ou mais formas (*chunks* menores) costumam ser realizadas juntas, essa frequência é gravada na memória e essas formas, antes dissociáveis do ponto de vista mnemônico, se tornam, em certa medida, indissociáveis constituindo uma forma complexa (*chunk* maior). Assim, o chunking se caracteriza pelo

uso de seqüências de palavras formulaicas ou pré-fabricadas, como *take a break* (‘dar um tempo’), *break a habit* (‘perder a mania’), *pick and choose* (‘escolher a dedo’), e também é o mecanismo primário que leva à formação de construções e de estrutura de constituinte (Bybee, 2002a). Note-se que a repetição é necessária, mas a frequência extremamente alta da experiência não o é (Bybee 2016 [2010], 65; grifos da autora).

Numa leitura sobre o trabalho de Bybee, Lemos de Souza (2015) salienta que esse trabalho acaba circunscrevendo o que a teoria lexicológica estruturalista chamou de *lexia* (composta, complexa etc). Entretanto, a autora se distancia da visão estrutural, no momento em que a memorização dessas construções não se dá apenas em aspectos formais, levando em consideração a frequência, o significado e a noção de construção, tomada de autores como Goldberg (1995).

Na tentativa de estender a noção de *chunking* para a morfologia construcional, a partir de uma análise feita por Rossinholo (2013) sobre as ocorrências da palavra *entorno* e do sintagma preposicionado *em torno* no português brasileiro, Lemos de Souza (2015) analisa outras palavras complexas que incluem o formativo *-torno* e conclui que, nesses casos,

teríamos [re[torno]]s, [con[torno]]s e [en[torno]]s, numa descrição que concilia o chunking como processo de formação de entorno com os moldes revelados a partir da análise estrutural das unidades simbólicas da língua. Essa proposta de descrição se baseia na concepção de entorno como um chunk que corresponde a uma construção morfológica tomada como molde, considerada a lexicalização do SPrep “em torno” na unidade simbólica “entorno” como a rotinização de um chunk da sintaxe como um chunk do léxico (Lemos de Souza 2015, 79; grifos do autor).

Fundamental contribuição desse trabalho é a extensão do conceito de *chunk* às construções morfológicas, o que favorece um diálogo entre as ideias de Bybee (2016 [2010]) com as de Booij (2010). Com base no diálogo teórico proposto por Lemos de Souza (2015), a partir do trabalho de Rossinholo, o percurso diacrônico que vai de *em torno* e chega a *entorno* envolve um *chunking*, pelo fato de esse sintagma preposicionado ser frequentemente realizado, levando o falante a uma reanálise como uma palavra complexa. Esse movimento envolve também um processo de gramaticalização, o que é admitido na proposta de Bybee (2016 [2010]). Entretanto, a partir do momento em que essa nova forma *entorno* é reanalisada e passa-se a admitir esquemas com o formativo *-torno*, como [re[torno]]s e [con[torno]]s, há um processo de lexicalização que permite a organização esquemática nos termos de Booij (2010).

Note-se, portanto, que a realização de *chunks sintáticos e/ou lexicais* se relaciona com outros processos, como a lexicalização e gramaticalização. Diante disso, pode-se assumir que, nas construções *X-ivis*, há o fenômeno de *chunking*. Destaque-se, porém, que, mesmo para assumir categoricamente a hipótese do *chunking*, esbarra-se na questão da origem: qual construção teria acionado o *chunking*?

Na constatação de que *Caquivis* (exemplo (9), 2008) tenha sido a realização mais antiga encontrada no *corpus* desta pesquisa, uma hipótese seria dizer que, diante da frequência dessa construção complexa, um falante tenha sido capaz de reanalisar essa construção, estendendo para outros contextos fonológicos e, talvez, especializando o seu significado. Por fim, em função da produtividade, alcança-se um nível de institucionalização da construção na comunidade linguística, o que teria permitido a fixação no léxico mental dos falantes de Salvador, por meio de esquemas construcionais. Nessa hipótese, portanto, deve-se admitir também uma lexicalização de afixos (Gonçalves 2016b).

5.3. *X-ivis independentemente de X-is: neologismo fonológico e criação de afixos*

Na obra de Alves (2007), intitulada *Neologismo: criação lexical*, a autora lista menciona vários tipos de neologismos, dando destaque aos neologismos morfossintáticos, semânticos e fonológicos. Os neologismos morfossintáticos são aqueles que se formam a partir de processos como a derivação, a composição, o truncamento, o cruzamento vocabular etc. Os neologismos semânticos, por sua vez, se relacionam à criação de novos significados para um item lexical já existente, sendo assim, estão ligados à polissemia. Por último, os neologismos fonológicos são aqueles que se formam a partir da combinação de sons existentes na língua, sem ativar um processo morfológico. Isso, segundo Alves (2007), é muito raro de acontecer, pois envolve a criação de um novo paradigma lexical, sem se basear em nenhum outro anterior, valendo-se apenas de fonemas disponíveis na língua.

É nesse contexto que as construções *X-ivis* também poderiam ser abordadas. Uma vez que envolve uma consciência fonológica, seria assumido que os falantes criaram a sequência fônica [*ivis*], reconhecendo que essa não se relaciona com nenhum item lexical da língua de significado obscuro. A adoção dessa análise, no entanto, apresenta pequenas restrições, pois esbarra, primeiro, no fato de o *-ivis* não ser um item lexical neológico e, segundo, no fato de a criação de afixos ser rara, uma vez que integram uma categoria relativamente fechada.

Diante disso, mais uma vez, precisam ser retomadas as ideias de um 'léxico líquido'. Nos termos tradicionais dos estudos linguísticos, há uma rigidez com que se dividem 'categorias abertas' e 'categorias fechadas'. Nesses termos, os afixos das línguas integram as categorias fechadas. Entretanto, os estudos com os *splinters* têm mostrado que esses passam a se comportar com 'afixos reais' nas línguas, adquirindo estabilidade funcional, formal e semântica. Por isso, essa rigidez tem que ser moldada também, pois, só assumindo essa liquidez, as construções *X-ivis* ficam mais bem categorizadas.

5.4. *As construções X-ivis no âmbito da Morfologia Construcional e da Teoria dos Protótipos*

A Morfologia Construcional, ferramenta descritivo-interpretativa fornecida por autores como Booij (2010) e Gonçalves (2016a), tem permitido

esquematar a polissemia nas construções morfológicas. No entanto, em se tratando das construções *X-ivis*, não se observa uma polissemia *stricto sensu*. Todas as construções são unidas por uma mesma questão semântico-pragmática: evitar rimas obscenas. A especialização se faz em torno do aspecto fonético, pois, a depender do som final do *input*, estabelece-se uma rima diferente. Por isso, na elaboração do esquema para essas construções, optou-se por colocar um significado fixo que varia de acordo com o contexto fonológico.

A respeito da fonologia nessas construções, cabe destacar que, conforme a Teoria da Entrada Plena, os *outputs* instanciados por esse esquema devem permitir a associação com os seus *inputs*. Isso é dizer que só se instanciam construções em que os *inputs* sejam transparentes para os falantes. Por isso, formas como *nivis*, *crivis*, *pivis*, *avivis* e *quivis*, a partir de *nu*, *cru*, *pau*, *avião* e *cu* são pouco produtivas ou improdutivas, pois há maior dificuldade no reconhecimento da relação.

Em relação ao aspecto da categoria lexical nos esquemas, optou-se por uma macrocategoria N, que inclui os substantivos e os adjetivos, visto que parece pouco importante, nesse caso, estabelecer alguma diferença entre substantivo e adjetivo, uma vez que a fonologia parece ser a parte do esquema que mais impacta nas variações pragmáticas.

No que toca à contraparte semântica do esquema, não se pôde investir em um 'significado lexical', como acontece na maioria dos esquemas feitos com base na Morfologia Construcional. Ao que parece, é um 'significado pragmático' de 'evitar rima' que deve orientar esse esquema. Além desse, deve-se considerar que o fato de essas construções serem prontamente categorizadas como características de falantes de Salvador, isso deve figurar no esquema também.

Como sinalizado por Soledade (2017, no prelo), se a Linguística Cognitiva intenta uma visão holística da linguagem, a Morfologia Construcional, por estar aportada nessa teoria maior, deve assumir essa mesma agenda. Assim, não se deve insistir em formulações que separam a 'semântica' e a 'pragmática' ou abordam dicotomicamente o 'significado linguístico' e o 'significado social' (Blom e Gumperz 2002).

Além disso, faz parte dos pressupostos da Gramática das Construções, de onde a Morfologia Construcional se deriva mais diretamente, a análise de todas as construções de uma língua, mesmo aquelas que pareçam mais idiossincráticas e impassíveis de qualquer análise. Nesses termos, para as construções *X-ivis*, foi preciso desconstruir/reconstruir, de alguma maneira, os esquemas de Booij (2010), a fim de poder incluir esse fenômeno nesse quadro de análise. Se esse é um modelo baseado no uso, não são os dados que têm que se encaixar no aporte teórico, é o aporte teórico que deve se moldar aos dados.

A representação esquemática das construções *X-ivis* está na figura 6, em que se observa um esquema geral fixo, em função do caráter pragmático comum a todas as instanciações. Os esquemas dominantes se dividem a depender da terminação das palavras em [u], [aw] e [ãw] que, respectivamente, apontarão para rimas com *cu* (ex: *meu pau no seu cu*), *pau* (ex: *seu cu no meu pau*) e *cuzão/mão* (ex: *meu pau no seu cuzão / meu pau na sua mão*). Foram consideradas, ainda, as construções em que não se

percebeu nenhuma rima associada e, nesses casos, como se aplicaria a qualquer contexto, não houve uma subespecificação desses contextos em subesquemas.



Figura 6: Representação esquemática das construções X-ivis.

No que tange à produtividade das construções X-ivis, seja observada a tabela 1, onde se vê a distribuição de frequência dos padrões fonológicos dos inputs em relação às 38 palavras analisadas para este artigo.

Contexto fonológico	Frequência
Input em [u]	16
Input em [ãw]	9
Input em [aw]	7
Outros contextos	6

Tabela 1: Dados de splinters nativos e não nativos.

Diante desse resultado, se a frequência for considerada como o principal critério para se estabelecer a prototipicidade das construções X-ivis, pode-se chegar a uma estrutura radial como a da figura 7, formulada a partir de exemplo visto em Ferrari (2014, 42). Nessa figura, as oxítonas em [u] seriam as bases prototípicas das construções, ficando, por isso, no núcleo categorial. Em seguida, viriam as bases em [ãw]. Sendo assim, as duas bases mais frequentes são associadas fonologicamente a *cu* (*meu pau no seu cu*) e *cuzão/mão* (*meu pau no seu cuzão/ meu pau na sua mão*). É admissível, portanto, sugerir que esses são mais frequentes, porque acessam mais facilmente o domínio da experiência da sujeição, da passividade, da homossexualidade, da feminilidade e/ou qualquer outra categoria que comprometa a masculinidade, tão cultuada na sociedade brasileira.

Outra possibilidade de analisar a maior produtividade das construções com [w] e [ãw] é o fato de o *pau*, numa projeção de figura-fundo, estar como *figura* nas rimas associadas '*meu pau no seu cu*' e '*meu pau em seu cuzão*' ou '*meu pau na sua mão*'. É importante sinalizar tal aspecto, porque o esquema X-ivis passa por um conceptualização machista e, nesse sentido, sendo o *pau* tomado como o artefato-mor para a reafirmação da virilidade/masculinidade, é provável que as construções em que esse esteja como *figura* sejam mais frequentes que aquelas em que estejam como fundo, como em '*seu cu no meu pau*', que caracterizam as construções cujos

inputs são terminados em [aw]. Na posição mais periférica da estrutura, estariam as estruturas 'sem especificação' de contextos fonológicos que, não obrigatoriamente, se associam a palavras ditas obscenas.

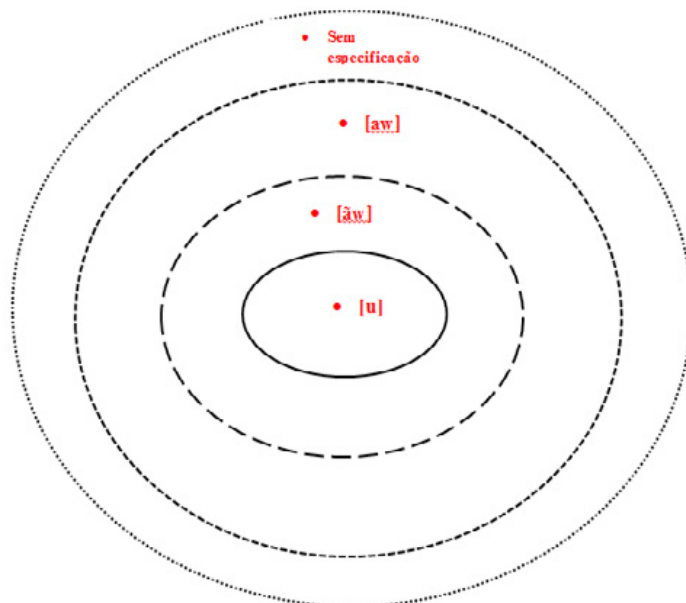


Figura 7: Representação em categorias radiais dos inputs das construções X-ivis.

6. Considerações finais

Este trabalho analisou o esquema *X-ivis*, encontrado entre falantes de Salvador-BA. As instanciações desse esquema ressaltam o seu aspecto pragmático, pois tendem a evitar rimas tidas como pornográficas, como *caruru* com *meu pau no seu cu*, *carnaval* com *seu cu no meu pau* e *Buracão* com *meu pau na sua mão*. Assim, as palavras terminadas em [u], [aw] e [ãw] são as principais acionadoras de tais rima e, por isso, os esquemas se organizam conforme esses contextos fonológicos.

A existência das construções *X-ivis* desafia muitos aspectos assumidos na tradição dos estudos morfológicos e lexicais. O primeiro aspecto que se observa é que essas construções não parecem se fixar no léxico como novas entradas, mas os esquemas que as instanciam sim. São esses esquemas, então, que permitirão aos falantes compreenderem as dinâmicas de uso das construções. Dessa forma, é preciso se pensar em um processo de mudança lexical que envolva aspectos da neologia, sem que haja produtos neológicos propriamente ditos ou *stricto sensu*.

As questões sobre neologismos esbarram no segundo aspecto levantado com esse trabalho: a necessidade de se investir em um léxico líquido e complexo. O léxico deve ser encarado como líquido, em função da sua volatilidade: neologismos são criados e deixados de usar com uma rapidez que faz questionar o uso do dicionário como elemento balizador para avaliar esse processo. Além disso, o léxico se mostra fluido por conta da flutuação e mescla de categorias que podem se organizar no seu interior. Isso foi observado quando se confrontaram as construções *X-ivis* com as categorias do léxico proibido proposto por Pretti (1984), pois foi assumido que essas construções pareciam mesclar e/ou flutuar entre elas.

Em relação à ideia do léxico complexo, viu-se a necessidade de as construções *X-ivis* serem analisadas com base em um sistema complexo e integrado, trabalhando junto com a morfologia, a fonologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática, pois nenhum desses níveis, visto separadamente, seria capaz de dar conta de uma análise contundente. Nem mesmo interfaces como morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica, morfopragmática seriam suficientes para tal tarefa.

Diante desses desafios, os pressupostos da Linguística Cognitiva nortearam a análise aqui empreendida e tentou-se, ao máximo, não investir em dicotomias, como *língua X uso*, *significante X significado*, *categoria extralinguística X categoria intralinguística*, *significado linguístico X significado social*, *conhecimento linguístico X conhecimento enciclopédico*, entre outras.

Ausente neste trabalho foi uma informação precisa sobre a origem das construções. Tampouco se conformou em assumir que haja um processo lexical que as caracteriza perfeitamente. Ainda assim, conseguiu-se propor uma análise complexa do componente morfológico que dê conta de uma visão holística da linguagem, indo além do que se viu, até então, nos trabalhos desenvolvidos com base na Morfologia Construcional. Em face dessas lacunas e dessas novas diretrizes, são necessários mais estudos.

Bibliografia

- » Almeida, Aurelina Ariadne Domingues de. 2016. “Histórias sobre as redes de significação do item lexical foda à luz do sociocognitivismo”. Em: *Linguagens e cognição*, organizado por A. Ariadne Domingues de Almeida e Elisângela Santana dos Santos, 13-46. Salvador: EDUFBA.
- » Alves, Ieda Maria. 2007. *Neologismo: criação lexical*. 7 ed. São Paulo: Ática.
- » Bauman, Zygmunt. 2007. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- » Blom, Jan-Petter e John J. Gumperz. 2002. “O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega”. Tradução de Pedro M. Garcez e José Paulo de Araújo. Em: *Sociolingüística interacional*, organizado por Branca Teles Ribeiro e Pedro M. Garcez, 45-84. 2 ed., revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola.
- » Booij, Geert. 2010. *Constructional morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- » Bybee, Joan. 2016. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica por Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez.
- » Croft, William e D. Alan Cruse. 2008. *Lingüística cognitiva*. Tradução de Antonio Benitez Burraco. Madrid: Ediciones Akal.
- » Faour, Rodrigo. 2006. *História sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira*. São Paulo: Record.
- » Ferrari, Lilian. 2014. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto.
- » Fillmore, Charles. 1982. “Frame semantics”. Em: *Linguistic in the morning calm*, editado por Linguistic Society of Korea, 111-137. Seoul: Hanshin Publishing.
- » Goldberg, Adele. 1995. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- » Gonçalves, Carlos Alexandre Victório. 2016a. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto.
- » Gonçalves, Carlos Alexandre Victório. 2016b. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto.
- » Gonçalves, Carlos Alexandre Victório. 2002. “Morfopragmática da intensificação sufixal em português”. *Revista de Letras* 24.1-2: 43-50.
- » Hall, Stuart. 2011. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- » Jackendoff, Ray. 1997. *The architecture of the language faculty*. Cambridge Mass.: MIT Press.
- » Lakoff, George. 1987. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- » Lakoff, George e Mark Johnson. 2002. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ.
- » Langacker, Ronald. 1987. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- » Lemos de Souza, Janderson. 2015. “Chunks em moldes: hipótese de diálogo entre Bybee e Booij”. *Cadernos do NEMP* 6: 67-81.

- » Morin, Edgar. 2003. *A cabeça bem feita: repensar a forma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- » Oliveira, Neuza Maria de. 1994. *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: EDUFBA.
- » Pinker, Steven. 2008. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras.
- » Possenti, Sírio. 2012. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto.
- » Preti, Dino. 1984. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- » Rajagopalan, Kanavilli. 2002. "Linguagem e cognição do ponto de vista da linguística crítica". *Veredas* 6.2: 85-100.
- » Ricoeur, Paul. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas-SP: Editora da Unicamp.
- » Salomão, Maria Margarida Martins. 2009a. "Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitivista". Em: *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*, organizado por Neusa Salim Miranda e Maria Margarida Martins Salomão, 20-32. Belo Horizonte: EDUFMG.
- » Salomão, Maria Margarida Martins. 2009b. "Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua". Em: *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*, organizado por Neusa Salim Miranda e Maria Margarida Martins Salomão, 33-74. Belo Horizonte: EDUFMG.
- » Saussure, Ferdinand de. 2012. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix.
- » Soledade, Juliana. 2017 [no prelo]. "Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional". Em: *Linguística Cognitiva: redes de conhecimentos d'aquém e d'além mar*, organizado por Aurelina Ariadne Domingues Almeida e Elisângela Santana dos Santos, 1-31. Salvador: EDUFBA.
- » Tomasello, Michael. 2003. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.